

EDUCAÇÃO PARA A PAZ:

INTERFACES ENTRE

O ENSINO RELIGIOSO

E O PENSAMENTO

DE VIKTOR FRANKL *



Josilene Silva da Cruz**, Thiago Antonio Avellar de Aquino***

Resumo: *o presente artigo visa apontar para possibilidades de construção de uma cultura de paz, a partir do relato de uma experiência vivenciada na sala de aula das Ciências das Religiões. No relato feito busca-se traçar uma articulação entre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o pensamento de Viktor Frankl, bem como construir um possível caminho de aplicação da experiência vivenciada ao Ensino Religioso (ER). Concluiu-se que as atividades estéticas, realizadas na vivência relatada, podem promover o espírito de uma humanidade única, (monantropismo). Assim, buscar o que há em comum, torna-se imperativo para a constituição de uma cultura de paz.*

Palavras-chave: *Monantropismo. Cultura de Paz. Ensino Religioso.*

O objetivo do presente artigo foi descrever uma experiência da promoção da paz no âmbito do curso de graduação em Ciências das Religiões. De forma mais específica, tratou-se de um relato de atividades realizadas durante a disciplina Análise Existencial do Fenômeno Religioso. Nessa perspectiva, descreveram-se tão somente alguns momentos significativos de uma experiência com ênfase na vivência dos discentes. Nesse sentido, procurou promover uma cultura de paz catalisada por meio do pensamento de Viktor Frankl no ambiente de sala de aula. Antes de descrever essa prática, faz-se necessário discorrer acerca do marco teórico que fundamentou a prática aqui descrita, qual seja, a Logoterapia e Análise Existencial, bem como as inter-relações entre o Ensino Religioso (ER) no contexto da paz.

* Recebido em: 26.04.2019. Aprovado em: 12.08.2019.

** Doutoranda e Mestra em Ciências das Religiões (UFPB). Bolsista CAPES. E-mail: josileneufpb@gmail.com

*** Doutor em Psicologia Social (UFPB). Professor do Departamento de Ciências das Religiões (UFPB). E-mail: logosvitae@hotmail.com

LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

A Logoterapia “foi concebida como uma modalidade de psicoterapia que tem como escopo abordar a questão do sentido da vida; dessa forma, constituiu-se uma forma de psicoterapia centrada nos aspectos especificamente humanos [...]” (AQUINO, 2014, p. 29). E pode ser definida ainda, de acordo com o próprio Frankl, tanto como uma modalidade de psicoterapia, quanto uma visão antropológica centrada no sentido na existência. De forma geral, “contempla, principalmente, dois eixos: uma visão de homem e uma filosofia de vida [...] a visão de homem da logoterapia se sustenta sobre três pilares: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida [...]” (FRANKL, 2011, p. 25-26).

O primeiro fundamento, a liberdade da vontade, significa que o ser humano é um ser livre e responsável apesar dos condicionantes da sua existência. O segundo, a vontade de sentido, refere-se à motivação primária do ser humano, qual seja a sede de sentido em sua existência. Por fim, o sentido da vida, significa que, se o ser humano busca um sentido, deve existir um sentido incondicional na existência a ser encontrado (FRANKL, 2011).

O autor em foco defende que o ser humano é qualitativamente diferente dos animais, pois possui uma dimensão específica, a noológica/espiritual. Trata-se de uma dimensão genuinamente humana, onde se originam os fenômenos como: liberdade, intencionalidade, consciência (*Gewissen*), vontade de sentido, senso valorativo, dentre outros. Aprofundando o conceito, o autor esclarece que a dimensão noológica “se refere a uma conceituação antropológica, muito mais do que teológica [...] no momento em que o homem manifesta sua consciência de si, ou quando quer que exiba seu ser consciente, aí, o ser humano atravessa a dimensão noológica” (FRANKL, 2011, p. 28).

A aplicação dessa teoria no contexto da educação é geralmente conhecida como Logo-educação, que consiste na aplicação dos princípios da antropologia frankliana no âmbito do ensino-aprendizagem, ou seja, uma pedagogia pautada no sentido da vida (FREITAS, 2017). Dessa forma, enfatiza-se o sentido da experiência educativa, valorizando mais o potencial do poder-ser do educando para a superação dos limites existenciais do que os condicionantes internos e externos que entravam o processo de aprendizagem.

De acordo com Bruzzone (2018), a logo-educação, como uma pedagogia “orientada para o sentido”, vislumbra o desenvolvimento nas pessoas de ferramentas que possibilitem a busca e realização do sentido em cada situação de sua própria existência. Essa foi a perspectiva da experiência realizada na disciplina e narrada a seguir, que trouxe como principal objetivo a demonstração de como realizar a aplicação da logo-educação em nível superior e com isso enfatizar a necessidade

de atividades e abordagens pedagógicas que estimulem experiências significativas aos discentes. Nessa perspectiva, Bruzzone (2011, p. 173) destaca que:

[...] a educação não funciona quando as pessoas se parecem com as que as educaram, mas quando voltam mais e mais a si mesmas; não quando reproduzem o que lhes foi dado, mas quando se atrevem a seguir caminhos independentes, diferentes, às vezes até inovadores.

A orientação pedagógica presente na logo-educação consiste na valorização das experiências do humano como ser único no cosmos (FRANKL, 2011). Nesse sentido, cada etapa vivenciada no desenvolvimento da disciplina contemplava captar a percepção e atuação de cada um dos envolvidos do processo educativo, primando pela liberdade e responsabilidade como princípios norteadores da referida vivência. Nessa perspectiva, qual seria o papel do ensino religioso na promoção da paz? Como a logo-educação poderia se inserir nesse processo para a constituição de um mundo pacífico? Esses questionamentos são explicitados na sequência.

CULTURA DE PAZ E ENSINO RELIGIOSO

O tema da cultura de paz é indubitavelmente transversal, pois em vários componentes curriculares seria possível trazer à tona sua abordagem. De modo muito particular, deve ser objeto de debate no Ensino Religioso, pois compreende-se que sua abordagem na formação inicial do educando pode ser um fator de transformação da sociedade hodierna.

Desse modo, compreende-se a pertinência do ensino para a paz nas ciências humanas, em se tratando de educação básica, destacando-se o componente curricular do Ensino Religioso (ER), tendo em vista sua nova configuração e aparato legal fundamentados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). [...] está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à ‘formação humana integral’ e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva [...] (BRASIL, 2017, p. 5, grifo nosso).

Na afirmação acima, que trata da BNCC, encontra-se a primeira justificativa para a possibilidade de contemplar o tema cultura de paz no referido documento, pois

quando se vislumbra a “formação humana integral” é preciso levar em conta todas as instâncias, dentre elas, a dimensão espiritual denominada por Frankl (2011) noológica. Nessa perspectiva, encontra-se a segunda justificativa, a sua contemplação no ER, tendo em vista que nos demais componentes não seria possível dispor do devido espaço para dialogar sobre a referida dimensão.

Com relação ao desenvolvimento de uma cultura de paz no ER, outra justificativa importante encontra-se nas competências específicas apontadas no referido documento normativo. Conforme constata-se na tabela 01:

Quadro 1: Das competências específicas do ER

Competências Específicas de Ensino Religioso para o Ensino Fundamental
1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.
4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.
5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.
6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.

Fonte: BNCC (2017, p. 435).

De acordo com as competências destacadas acima, a formação humana integral proposta no ER contempla diversos aspectos sociais e psíquicos, que vão coadunar com a relevância do tema cultura de paz, no sentido de contribuir com uma sociedade humana e harmônica, no que se refere à valorização da dignidade da pessoa humana, independentemente de cor de pele, filosofias de vida, tradição(ões) religiosa(s), pressupostos científicos, entre outras distinções e/ou formas de expressão das diferenças presentes em nossa sociedade.

Além disso, destaca-se a competência de número 6, que consiste em “Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz” (BRASIL, 2017, p. 433). Ou seja, o combate aos discursos e práticas de intolerância, discriminação, violência de cunho religioso contribuem diretamente para uma cultura de paz, tendo em vista que inúmeros conflitos e guerras promovidas por convicções religiosas poderiam ser evitados se houvesse esse diálogo e respeito proposto no ER.

Assim, é preciso desde cedo inserir na vida dos educandos esses debates, para que se possa, a cada dia, combater as intolerâncias. Trazer para a sala de aula e, também, para o seio da sociedade temáticas que proporcionem o diálogo e que promovam a disseminação de uma cultura de paz, sem que esse tema seja visto como algo a ser realizado pelo outro. Cada pessoa envolvida nesse processo é corresponsável por esse estímulo e desenvolvimento de uma forma harmônica de conviver.

É preciso enfatizar que é responsabilidade de todos aqueles envolvidos no processo de assumir o papel de pacificadores, um de nós assumir esse papel de pacificadores, e esse objetivo não pode ser visto como uma utopia, ou algo inalcançável. A educação para a paz deve aproximar o ser do seu dever ser, como assevera Frankl (1978, p. 269):

Segundo Heidegger, o homem se antecipa a si mesmo. [...] Aplicado ao homem, é o homem como ele deve ser, uma antecipação do homem como ele é. Assim, este ‘ser-antecipadamente’ é a condição de toda a possibilidade de existir, de toda possibilidade de ser ‘de outro modo’, de chegar a ser de outro modo, de toda autodeterminação, de toda autoformação e toda autoeducação.

Essa prerrogativa trazida por Frankl, apoiada no pensamento de Heidegger, corrobora com a competência do ER, a qual reza que o educando deve “Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida” (BRASIL, 2017, p. 433). Com isso, demonstra-se mais uma vez, a aproximação existente entre as competências do ER e o desenvolvimento da paz, que, nesse último caso, torna-se evidente quando se articula o *dever-ser* com o cuidado de si mesmo tempo e da coletividade; e nas palavras de Heidegger, o nosso “ser-antecipadamente” como possibilidade de sermos mais que nós mesmos, mais que nossos pensamentos, e mais que nossas ações individuais, pois, ao pensar e priorizar o outro, estamos atuando “de outro modo”, superando a individualidade e partindo para a busca de um bem-estar na coletividade, ou seja, a paz.

É importante frisar que “a educação voltada para a cultura de paz inclui a promoção da compreensão, da tolerância, da solidariedade e do respeito às identidades

nacionais, raciais, religiosas, por gênero e geração, entre outras, enfatizando a importância da diversidade cultural” (NOLETO, 2010, p. 13). Esse pressuposto é essencial na perspectiva do ER, a valorização da diversidade cultural e o incentivo à superação da intolerância.

Mediante essas afirmações, constata-se que no escopo presente no referido componente encontram-se os elementos constituintes do que Frankl (2011) defende como monantropismo, ou seja, uma unidade humana apesar da diversidade cultural, partidária ou de cor da pele. O autor defende que assim como a humanidade atingiu a concepção de um Deus único, também poderia compreender uma única humanidade, constituída pela diversidade. Conforme expressou Jaspers (2018, p. 10), “nós somos um conjunto; precisamos sentir nossa causa comum quando dialogamos”.

Ao buscar a valorização da diversidade cultural; instigar a superação das intolerâncias; reconhecer o cuidado de si e do outro, entre outras ações propostas nas competências do ER, o docente do referente componente estará promovendo aos seus alunos a visualização daquilo que tem de mais significativo no gênero humano: a identidade como única espécie capaz de escolher, conviver com as distinções, vislumbrando a unidade em harmonia com a multiplicidade.

A ideia de monantropismo está presente em praticamente todo escopo do ER, tendo em vista sua valorização da diversidade, rechaçando quaisquer tipos de discriminação e/ou superioridade. E isso pode ser percebido tanto pelas exposições anteriores como pelo paralelismo realizado adiante (tabela 02). Na tabela enfatiza-se os objetivos do ER presentes na BNCC e sua possível correspondência com os pressupostos do monantropismo destacados por Frankl e seus seguidores:

Quadro 2: Correlações entre ER e monantropismo

Objetivo do ER na BNCC	Correlação com o monantropismo
a) Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos.	Valorizar a realidade de cada um, pois todas as formas de expressão/manifestação têm seu valor, por sabermos que só o gênero humano tem a capacidade de se manifestar religiosamente.
b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos.	Percepção da liberdade humana como algo de extrema relevância sobretudo quando pautada na consciência e na responsabilidade.
c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal.	Respeito à liberdade e ao pluralismo, elementos significativos nas relações humanas por tratarem daquilo que é socialmente partilhado.
d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania.	Valorização dos sentidos pessoais sem abrir mão dos preceitos e valores que são construídos socialmente; instigar os envolvidos a uma responsabilidade comum.

Nota: elaborado pelos autores.

O monantropismo no ER poderia enfatizar a identidade única: o gênero humano. Dessa forma, é necessário que educadores e educandos assumam um compromisso com uma “tarefa comum mais nobre” que perpassa pelo bem comum da comunidade humana, para construir, por consequência, uma cultura de paz.

Constata-se que a promoção de uma cultura de paz no ER se coaduna com as competências específicas trazidas na BNCC, tendo em vista que ao se buscar o reconhecimento, compreensão e valorização das diferentes tradições religiosas (como pressupõem as duas primeiras competências) há um ganho de cunho cultural imensurável pelo fato de se compreender que é na convivência com o diferente que as trocas de experiência enriquecem o convívio em sociedade. A indicação na BNCC, na terceira competência, que consiste em promover um reconhecimento de si mesmo e do outro, que abarca a coletividade e a própria natureza e sugere uma vivência empática em busca do bem comum.

Já nas quarta e quinta competências que indicam a convivência com a “diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver” e a análise das relações “entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente”. Valoriza, assim, a diversidade cultural e religiosa presente em toda e qualquer sociedade.

Por fim, na última competência encontramos os preceitos mais diretos que orientam para uma cultura de paz atrelada ao ER: “debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz”.

A valorização dos direitos humanos é imperiosa nessa competência e corrobora com uma efetiva cultura de paz, tendo em vista que não há como pensar em uma vivência harmoniosa sem que se vislumbre o respeito à diversidade e a contemplação dos direitos humanos como algo que rege a vivência harmônica na sociedade plural. Para se demonstrar como no cotidiano de sala de aula do Ensino Religioso pode-se instigar ou promover uma cultura de paz, o presente artigo resgatou uma experiência vivenciada no ensino superior, especificamente na graduação em Ciências das Religiões, o que será descrito a seguir.

RELATO DE UMA VIVÊNCIA PARA A CULTURA DE PAZ

O relato da vivência a ser descrita ocorreu na disciplina Análise do Fenômeno Religioso, ministrado na Licenciatura em Ciências das Religiões. Justifica-se a escolha desse grupo, na medida em que os alunos estavam sendo formados para atuarem no âmbito do Ensino Religioso e poderiam multiplicar essa experiência nesse componente curricular, junto ao Ensino Fundamental.

Na tentativa de promover uma cultura de paz entre os alunos do ensino superior, foi promovido, no âmbito deste ensino, uma vivência tendo por base a Logoterapia e Análise Existencial. Para tanto, o livro que guiou todas as discussões foi “Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração” (FRANKL, 2016). Estabeleceu-se um processo dialógico entre professor e alunos, no qual o referido livro foi o mediador para as reflexões dos educandos. Durante esse processo dialógico, ocorrido em sala de aula, percebeu-se o quanto os alunos foram impactados com os relatos e as reflexões de Viktor Frankl acerca do sentido da vida, do sofrimento e, também, da morte. A leitura do livro foi complementada com a busca espontânea, por parte dos educandos, de documentários e imagens sobre a Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma, o teor do livro foi complementado com mais riqueza de detalhes acerca da desumanidade e violência imposta aos prisioneiros dos campos de concentração, tais como: separação e perda de entes queridos, fome, violência física e psicológica. De forma geral, a leitura do livro fez com que os discentes demonstrassem em sala de aula suas impressões acerca da narrativa, despertando processos de identificação e empatia relacionados ao sofrimento dos prisioneiros, sobretudo uma admiração em relação as posturas do prisioneiro 119.104 (Viktor Frankl).

Com o intuito de promover uma aprendizagem pautada na cultura de paz, a proposta avaliativa da primeira unidade correspondeu a uma produção estética do livro por meio de poemas, esculturas, pinturas, vídeos e outras formas criativas que demonstrassem as impressões e/ou destaque com relação à obra de acordo com as habilidades e escolha de cada discente. Essa orientação pedagógica foi proposta com o intuito de ajudar a expressar a dimensão espiritual dos educandos, pois os mesmos precisavam escolher uma forma estética e criativa para materializar os conhecimentos adquiridos ao entrar em contato com o livro em tela. Além de expressar esteticamente, os educandos foram convidados a apresentar as suas obras artísticas para os seus pares.

Relatos de vida foram expostos de forma profunda e vivencial, decorrentes das expressões estéticas. Por exemplo, um educando narrou sua trajetória existencial ao apresentar um desenho que criou para a disciplina em questão. Em alguns casos, a atividade proposta provocou uma reflexão acerca da sua busca espiritual conforme se observa na Figura 1.



(P. M. F. G.)

Figura 1: Desenho de um discente inspirado no livro *Em busca de sentido*

Outro exemplo foi a produção de poemas que refletem o impacto emocional da leitura e reflexões sobre a vivência de Viktor Frankl nos campos de concentração.

Auschwitz

Sou uma sequência de números, mudos.

O tempo me ordena a ser lobo

Sou a fome, a devorar minhas lembranças e carnes

Subtraíram, a minha voz, as ilusões, a fé.

O que ainda carrego nas escuras profundezas do meu ser?

Nada tenho, o frio me prova que nada mais tenho

Assim, naturalmente, me encontro... despido.

Já não sorrisos, moedas, lágrimas, relógio... cigarros.

Minha alma está nua.

Como despertar?

Onde está a liberdade?

Aonde foi minha vida?

O homem é a morte!

A morte é o homem!

A vida lá de fora me ordena a marchar.

O apito do trem me diz: Acorda! Acorda! A vida te chama pelo seu nome.

“A liberdade reside vivida em ti, ela existe, assim como a água, as nuvens e o fogo, tens o poder de escolher”, afirma a vida.

Desperta!!!

(M. F. B.)

Além dessa demonstração acima, outro discente se expressou através de poema, destacando o aspecto do tempo e outros detalhes vinculados à experiência trágica vivida por Frankl nos campos de concentração pelos quais passou, vejamos:

De repente

De repente, o mundo estava em guerra

De repente,

Tudo estava fora de lugar

As forças daquele momento,

Separaram,

Pais, filhos, empregos, vidas,

Em um regime

Onde pouco se valia lá

Vieram a fome, a destruição

Passamos necessidade

Mas não entregamos nosso irmão

Sob o banho de gás

Puseram,

Nossas esposas, mães e pais

E a vida,

Que tínhamos lá atrás

Do horror,

Fizemos show de humor

E dessa experiência,

Nasceu a ciência

Que na vida,

Sentido encontrou.

(K. K. D. P.)

Com esses dois exemplos de poemas percebemos o quanto foi tocante a experiência a partir da leitura da obra indicada. Lembramos que os discentes receberam a simples orientação de realizar uma atividade livremente e a escolha pelos poemas e, sobretudo, o conteúdo deles trouxe à tona a sensibilidade presente no íntimo de cada um deles. No primeiro percebe-se o quanto o seu autor se aprofundou encontrando-se entrelaçado com sua obra e, já no segundo, o au-

tor se propõe a destacar os elementos vivenciais do campo de concentração destacando-se a articulação com a própria vida de Frankl.

Num momento posterior, na abordagem da segunda unidade, outra experiência vivencial proporcionou reflexões aos discentes no âmbito pessoal.

Quadro 3: Frases de Frankl

“Quem não se sente firme em sua fé se agarra com ambas as mãos a um dogma inalterável; quem está seguro na sua fé dispõe das mãos livremente e as estende para os seus semelhantes, com os quais está em comunhão existencial” (Viktor Frankl)

“O culto é apenas forma, apenas caminho. Quanto mais tenha importância a meta, menos se atentará no caminho, que é simplesmente um dos meios de lá chegar” (Viktor Frankl)

“[...] Ninguém tem o direito de considerar a sua língua materna como um idioma superior a todos os outros, pois em qualquer idioma o homem pode se aproximar da verdade, daquela única verdade, assim como em qualquer idioma pode errar ou até mentir” (Viktor Frankl)

“A fé não é uma maneira de pensar da qual se subtraia realidade, mas uma maneira de pensar que à qual se acrescentou a existencialidade do pensador” (Viktor Frankl)

“[...] O homem, a medida em que se julgava a si mesmo como criatura, interpretava sua existência à imagem de Deus, seu criador; mas, assim que começou a considerar-se a si próprio como criador, passou a avaliar sua existência, meramente, à imagem de sua própria criação: a máquina” (Viktor Frankl)

“Há milhares de anos, a humanidade desenvolveu o monoteísmo. Hoje, um outro passo se faz exigir. Eu chamaria de monantropismo. Não a crença em um Deus único, mas, mais do que isso, a consciência da unidade do gênero humano; uma unidade sob cuja luz as diferentes cores de nossa pele desapareceriam” (Viktor Frankl)

“A psicoterapia se concentra na promoção da saúde mental. A religião diz respeito a ideia de salvação. É bem verdade que, como escreveu Chandler Robbins, ‘o louvor religioso tranquiliza a mente. Mas ele não pode ser praticado intencionalmente com esse propósito, pois essa benesse só tem sentido como um efeito colateral’” (Viktor Frankl)

No Quadro 3, o leitor poderá encontrar algumas das frases que serviram como motivos das reflexões.

Após o compartilhamento das reflexões desencadeadas a partir dos aforismos de Viktor Frankl, foi proposto um abraço coletivo, o que foi aceito prontamente pelos logo-educandos. Nesse contexto, alguns alunos puderam manifestar ideias e sentimentos livremente, conforme o clima já previamente estabelecido nas aulas anteriores. Estavam todos abraçados lado a lado em um círculo fechado, alunos e docente com suas tonalidades de cores de pele, gêneros, religiões e também um ateu, numa autêntica vivência do monantropismo proposto por Frankl (2011) ou, em termos da filosofia africana, ubuntu, “eu sou porque nós

somos”. Essa experiência também rememorou as palavras do prisioneiro nos campos de concentração quando estava contemplando o pôr do sol: “o mundo poderia ser tão belo” (FRANKL, 2016, p.78).

De acordo com a percepção de um dos educandos:

Foi bem interessante a forma como foi apresentada em sala de aula, de forma dinâmica, possibilitando o diálogo e os debates a respeito de nossas questões existenciais. O que mais chamou minha atenção, foi como o professor usou o espaço em sala de aula para possibilitar o desenvolvimento da nossa criatividade, pedindo que apresentássemos o que para nós era o entendimento do conteúdo apresentado. (K. K. D. P.)

Essa possibilidade de uso da criatividade remete também à capacidade de tomar decisões que cada educando deve ter durante o processo educativo, sobretudo na perspectiva da logo-educação, tendo em conta que:

A educação, em definitivo, tem como fim próprio a promoção da ‘capacidade de tomar decisões independentes e autênticas’. [...] significa estimular a consciência a confrontá-la com deveres e valores, com o fim de estimulá-la a tomar posições e a transcender-se (BRUZZONE, 2011, p. 169).

Desse modo, buscou-se promover as bases de uma educação responsável que vislumbre, sobretudo, a valorização da existência, o que é fundamental para uma cultura de paz.

MEDITAÇÃO E RELATOS DOS DISCENTES ACERCA DO VIVIDO

A avaliação final da disciplina decorreu conforme se apresenta na Figura 2. Cada educando escolheu uma imagem dos campos de concentração referente ao livro “Em busca de sentido” para realizar uma meditação pessoal através da qual buscou-se ativar os recursos noológicos existentes em cada um dos discentes, e com a finalidade de expressar em uma folha de papel para que posteriormente pudesse ser verificada qual a percepção dos educandos com relação ao conteúdo do livro, não só pela leitura textual feita anteriormente, mas agora, pelo visual e o estímulo da expressão estética.



Figura 2: Meditação dirigida
Fonte: acervo dos autores.

Percebe-se de forma geral que a escolha da imagem partiu da própria vontade de sentido, mobilizando a dimensão espiritual dos educandos. Através do estímulo durante a atividade os discentes puderam expressar suas percepções e os sentidos implícitos em cada uma delas. Mais adiante, outra discente relata a dialética destino versus liberdade.

Não escolhemos o destino de entrar na barriga que irá nos gerar e nos acolher, ou não, nessa terra. Assim como os judeus, ciganos, negros e homossexuais não escolheram ter suas vidas devastadas, no entanto aqui chegamos e nos resta escolher que espécie de significação daremos àquele fato. (L. M. G. R.)

Diante do desespero da privação de tudo que tinham como identidade pessoal e coletiva, só o que restava era ser livre mesmo que naquelas condições. (N. M.)

Esses trechos expressam a liberdade da vontade na qual todo ser humano está inserido, há uma parte que não se pode escolher e uma postura pessoal frente ao próprio destino sofrido (FRANKL, 1989). Em seguida suas reflexões se dirigem para o seu campo de liberdade, com suas múltiplas possibilidades de ser no mundo.

No quadro, apesar de vermos os prédios e chaminés do campo de concentração também é possível observar que os trilhos se estendem a perder de vista, essa dimensão representa para mim o infinito de possibilidades e sentidos que se apresentam no decorrer da vida. (L. M. G. R.)

Outros educandos expressaram essa mesma perspectiva em termos de esperança e tristeza, ou em termos de primavera estonteante de cores versus o branco gelo, pedras e flores, fardo e música. As meditações relacionam o conteúdo da logoterapia com a sua própria existência, abarcando tanto os seus elementos positivos quanto os negativos, afinal o sofrimento também faz parte da vida como aventa Frankl (2011, p. 93-4): “A logoterapia ensina que devemos evitar a dor quando isso for possível. Mas logo que um doloroso destino se apresente como imutável, esse sofrimento não só deve ser afirmado como deve ser transformado em algo significativo, numa conquista”.

Da mesma forma que Frankl, os educandos puderam expressar essa postura por meio das seguintes reflexões:

Ao observar a imagem, observo pessoas com olhar de esperança, não de tristeza e sim perspectivas de poder ter sua liberdade ceifada. (P. P. C. J.)

Aprender a perceber a vida, como existência, mergulhada na dicotomia de invernos e primaveras.

O branco do gelo, enegrecido pelas cinzas lançadas, congela em si, várias histórias.

Histórias que depois do inverno, depois até do outono de suas reminiscências, florescerão numa primavera estonteante de cores. (P. M. F. G.)

Até aqui o percurso parece bastante interessante, repleto de pedras, mas também de flores. (L. M. G. R.)

Suas reflexões foram música e alimento naqueles dias de treva, foi um fardo pesado (N. M.)

Essa perspectiva dialética emerge também em forma de poema, contrastando os elementos escuridão e luz, mas que também apontam para a esperança, conforme pontua Frankl quando diz sim à vida apesar de tudo.

*Quando na mais profunda escuridão
Não adianta praguejar contra a mesma
Simplesmente acenda uma vela.
Uma vela acesa na escuridão
Viktor foi iluminando corações
Sentidos de vida descobertos
Na penumbra de um quarto escuro
Através de uma simples vela. (B. A.)*

A logoterapia foi compreendida como uma fenomenologia da esperança, da mesma maneira se apresentam em alguns dos fragmentos dos discursos.

A humanidade está além da maldade, há muitos, tantos Viktor Frankl dispostos a reverter realidades, humanos com vontade de dar sentido ao que os foi oferecido, não importa o que a História apresente (N. M.)

Talvez alguns deles tenham a esperança de um dia sair com vida e levar consigo toda a lembrança e história vivida nesse espaço de descanso e refúgio. (I.V.S.)

O fogo da chaminé no mais puro e amoral simbolismo do fogo transformador, transforma presos em libertos, mas seres humanos carregados de esperança, no mais elementar carbono, guiados agora apenas pelo vento e não mais pelos sentidos que davam às suas vidas. (J. W. O. A. S.)

Entretanto, emerge uma ansiedade existencial decorrente da imprevisibilidade da vida. Essa ansiedade também pode se referir ao nada, a possibilidade do não-ser, ou da finitude da existência.

Viver é o caminho e justamente por não sabermos o que acontecerá contém ansiedade e beleza e só após um percurso terminado podemos avaliar e ver as cores e realizações do percurso. (L. M. G. R.)

De minha janela consigo ver a linha férrea e a entrada principal de Auschwitz. A vejo como uma grande boca que tudo devora, tudo engole, tudo digere! (P. M. F. G.)

A linha que poderia conduzir ao infinito, conduzir ao finito, finitude, onde tudo se esvai na fumaça que sai de suas chaminés a fumaça por elas lançadas, ao contrário, lançam para o infinito, tudo que ela contém; histórias, vidas, anseios, desejos, aspirações (P. M. F. G.).

De fato, segundo a análise existencial frankliana, o ser humano apenas pode descobrir o sentido da totalidade da existência quando a vida se desdobra em sua completude (FRANKL, 1995). Também, direciona seu olhar para sua área de liberdade e sua responsabilidade, contemplando múltiplos sentidos e finaliza com uma reflexão acerca do ser que decide conforme pode ser constatada no relato abaixo.

[...] a vida é um grande lugar onde milhares de elementos se apresentam sempre e precisamos limpar o nosso olhar para enxergar as possibilidades de sentido

e que deixar de lado um sentido não é morrer, mas descobrir outros lugares de ação, resgatar sentidos antes deixados e descobrir que espécie de história queremos contar ao longo de nossa vida. (L. M. G. R.)

Vislumbrar esta linha férrea, me ajuda a recordar que ela tem dois sentidos, um que vai; mas é o mesmo por onde posso voltar.

Voltar para resgatar meus anseios, resgatar minha história, resgatar à mim mesmo.

Resgatar em mim, o forte desejo de permanecer e mais que permanecer, sentir-me vivo.

Estar vivo, estar presente, estar íntegro, esta é a minha maior dádiva.

E a viagem simplesmente continua... (P. M. F. G.)

Um relato que merece ser destacado foi a de um educando que encontrou sentido a partir das leituras e reflexões proporcionadas pela leitura do livro *Em busca de Sentido*.

Todo dia tento ser como o Dr. Frankl, sempre escolho viver, decidir, caminhar adiante mesmo que tudo ao redor esteja um caos. No entanto, aprendi que em momentos difíceis devemos extrair o seu aspecto positivo. [...] Ainda não venci minha depressão, no entanto com o auxílio do meu amigo e mestre Dr. Frankl irei mudar de fase, irei adiante, seguirei outra rota, darei outro sentido a minha existência. (M. F. B.)

Observou-se que a vida de Frankl pôde ser um modelo para ativar os recursos psicológicos/espirituais dos educandos, mobilizando a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida. Isso pode ter decorrido dos temas existenciais que foram percorridos em sala de aula e das dinâmicas e metodologias ativas propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frankl (1989) defende uma unidade na diversidade dos matizes culturais religiosos, amalgamado na dignidade e no valor da vida humana, tendo em conta que cada ser humano é um acontecimento único no cosmos. Em sala de aula, os educandos e o educador se deparam com a diversidade religiosa, tais como católicos, evangélicos, espiritualistas, adeptos das matrizes afros brasileiros e ateus. Não obstante, buscar o que há em comum torna-se imperativo para a constituição de um clima de paz, dessa forma, pôde-se promover a vivência do monantropismo em sala de aula.

Ademais, as reflexões e expressões estéticas acerca do pensamento de Viktor Frankl e do seu livro *Em busca de Sentido* culminaram em uma sensibilização para aceitar perspectivas diferentes e promover o respeito incondicional à pessoa humana. Dessa forma, ao conhecer as reações e posicionamentos dos prisioneiros em contexto dos campos de concentração, os educandos puderam se colocar no lugar daqueles que sofreram e morreram por perseguições ou por motivo do antissemitismo.

Indubitavelmente, os construtores da paz devem ser aqueles que têm sede de sentido na vida, pois serão saciados por meio da tolerância com o diferente e do amor à diversidade cultural e religiosa. Nesse sentido, é necessário esclarecer que a articulação existente entre o relato e as diretrizes presentes na BNCC, encontram-se na ênfase dada ao monantropismo (a concepção de uma humanidade única) e a troca de experiências de um grupo heterogêneo constituído por pessoas de crenças diversas inclusive o da não crença também, como foi o caso de um dos discentes que se autodenomina ateu.

Desse modo, percebeu-se que na BNCC tem-se a indicação e ao mesmo as orientações de como se instigar e promover uma cultura de paz no ER. No entanto, é preciso lembrar que como sua epistemologia encontra-se em construção é necessário atentar para as especificidades de cada local e/ou região em que aplica essas competências. De modo, que sugestivamente apresentou-se uma forma didática e prática de se instigar a valorização da paz por meio do monantropismo proposto por Frankl. Oxalá, que tais experiências ultrapassem os muros do ambiente acadêmico, pois a cultura de paz deve sempre transcender a sala de aula e invadir o âmago da comunidade humana.

EDUCATION FOR PEACE: INTERFACES BETWEEN RELIGIOUS TEACHING AND THE THOUGHT OF VIKTOR FRANKL

Abstract: *this article aims to point to some possible ways of building a culture of peace, beginning with a report about an experience coming from a Sciences of Religion classroom. This report seeks an articulation between the “Base Nacional Comum Curricular” (BNCC) and the thought of Viktor Frankl. Moreover, it seeks to build a possible path for the enforcement of such experience to the Religious Teaching. It is concluded that the aesthetical activities performed during the related experience are able to promote the spirit of a common humanity (monantropism). Thus, seeking common grounds becomes an imperative for the construction of a culture of peace.*

Keywords: *Monantropism. Culture of Peace. Religious Teaching.*

Referências

- AQUINO, Thiago Antonio Avellar. *A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: articulações entre logoterapia e religião*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BRASIL. *BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC*. 3. versão. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTA-CAO.pdf>. Acesso em: 20 Dez. 2017.
- BRUZZONE, Daniele. *Afinar la consciência: educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor Frankl*. Buenos Aires: San Pablo, 2011.
- BRUZZONE, Daniele. Educar para o sentido da vida: a pedagogia deve desenvolver a inteligência existencial da criança. In: DOMINGOS, Thiago. *Entrevista*. Disponível em: <http://academiadosentido.com/educar-para-o-sentido-da-vida>. Acesso em: 28 Ago. de 2018.
- FREITAS, Marina Lemos Silveira. *Pedagogia do sentido: contribuições de Viktor Frankl*. Ribeirão Preto: IECVF, 2017.
- FRANKL, Viktor E. *Fundamentos antropológicos da Psicoterapia*. Tradução: Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e sentido da vida*. Tradução: Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrantes, 1989.
- FRANKL, Viktor E. *Logoterapia e Análise Existencial: textos de cinco décadas*. Tradução: Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Editorial Psy II, 1995.
- FRANKL, Viktor E. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. Tradução: Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Tradução: W. O. Schlupp; Carlos C. Aveline. 40. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2016.
- JASPERS, Karl. *A questão da culpa: a Alemanha e o Nazismo*. Tradução: Claudia Dornbusch. São Paulo: Todavia, 2018.
- NOLETO, Marlova Jovchelovitch. *A construção da cultura de paz: dez anos de história*. In: UNESCO. *Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo*. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.